



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO**

**GEDEÃO DE SOUZA AIRES**

**DA BEIRA DO RIO A BEIRA DA ESTRADA: Projetos econômicos, deslocamentos e impactos socioambientais na comunidade ramal velho de Beja, Abaetetuba - Pará**

**ABAETETUBA-PARÁ  
DEZEMBRO 2021  
GEDEÃO DE SOUZA AIRES**

GEDEÃO DE SOUZA AIRES

**DA BEIRA DO RIO A BEIRA DA ESTRADA: Projetos econômicos,  
deslocamentos e impactos socioambientais na comunidade ramal velho de  
Beja, Abaetetuba - Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia da  
Universidade Federal do Pará, como requisito de  
obtenção de título em Licenciatura em Matemática.

Orientadora: Prof. Dra. Eliana Teles Rodrigues

ABAETETUBA  
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

A298b Aires, Gedeão de Souza  
Da beira do rio a beira da estrada : Projetos econômicos,  
deslocamentos e impactos socioambientais na comunidade ramal  
velho de Beja, Abaetetuba - Pará / Gedeão de Souza Aires. — 2021.  
XXXI,31 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Eliana Teles Rodrigues  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de  
Educação do Campo, Campus Universitário de Abaetetuba,  
Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2021.

1. Mudanças. 2. Rio Arapiranga. 3. Comunidade Rural. I.  
Título.

CDD 307.14098115

---

**DA BEIRA DO RIO A BEIRA DA ESTRADA: Projetos econômicos, deslocamentos e impactos socioambientais na comunidade ramal velho de Beja, Abaetetuba - Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso, sob forma de artigo, apresentado a Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, para obtenção do título de licenciatura plena em Educação do Campo com Habilitação em Ciências Sociais e Humanas, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Eliana Teles Rodrigues

Data da Defesa: 29/12/2021

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Eliana Teles Rodrigues

Orientadora

Universidade Federal do Pará - UFPA - Campus de Abaetetuba

---

Profa. Dra. Luiza de Nazaré Mastop de Lima

Examinador Externo

Universidade Federal do Pará - UFPA - Campus de Abaetetuba

---

Prof. Dr. Raimundo Erundino Santos Diniz

Examinador Externo

Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

ABAETETUBA-PA  
DEZEMBRO/2021

## RESUMO

O presente trabalho, buscou-se estudar as alterações do meio de vida da comunidade rural Ramal Velho de Beja, em um trecho da PA 403 no município de Abaetetuba, Pará, que na memória de moradores mais antigos antes da construção da estrada tinham uma relação social mais voltada a dinâmica do rio Arapiranga, o qual, hoje sofre as consequências dos danos ambientais dos empreendimentos que se observam em seu entorno. O objetivo maior deste estudo foi descrever a situação dos processos e impactos das mudanças que se operam na vida cotidiana da comunidade Ramal Velho de Beja, incrustada no entorno de grandes empreendimentos minerais e agropecuários. Para alcançar este objetivo foi realizado um levantamento bibliográfico relacionado a temática e a pesquisa de campo que consistiu em acompanhar duas mobilizações dos comunitários, em sua luta por direito ambiental, e a coleta de dados que se deu a partir de entrevistas semiestruturadas com questionários abertos para que os entrevistados pudessem se sentir à vontade. Os resultados apontam as mudanças promovidas pelos novos elementos, os quais produzem não apenas a mudança na paisagem rural do município de Abaetetuba, como também afetam o modo de vida de seus habitantes. Especificamente, a mudança tem efeito devastador no que diz respeito a questão ambiental e as terras tradicionalmente ocupadas, pois a cada momento ocorre o deslocamento dessas terras de posse dos comunitários, para o lado de grandes empreendimentos sejam estes da mineração ou agropecuários.

Palavras – Chaves: Mudanças. Rio Arapiranga. Comunidade rural.

## SUMÁRIO

2. COMUNIDADES CAMPONESAS FACE À MUDANÇA.....	10
3. METODOLOGIA DO TRABALHO E COLETA DE DADOS.....	12
4. DO POVOADO DA BEIRA DO RIO À COMUNIDADE DA ESTRADA .....	13
4.1 O povoado do rio Arapiranga .....	13
4.2 A formação da comunidade no Ramal Velho de Beja, PA-403 .....	18
4.3. A aproximação ao polo industrial.....	19
5. OS IMPACTOS GERADOS POR EMPREENDIMENTOS NO ENTORNO DA PA 403.20	
5.1 As novas estratégias de sobrevivência no Ramal Velho de Beja .....	24
5.2 Os impactos gerados nos igarapés pelo mineroduto da Hydro.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS .....	33

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de pesquisa descritiva sobre a trajetória de vida de famílias camponesas que viviam à margem do rio Arapiranga no Município de Abaetetuba, estado do Pará e há algumas décadas se estabeleceram à margem da PA/403, construída ao final da década de 1930, a qual perpassa o alto curso do mesmo rio. Esses moradores ao abandonarem o modo de vida que antes se articulava com o rio Arapiranga, passaram a depender do ramal que favoreceria o escoamento da produção e sua relação com a cidade. No entanto a criação de um novo trajeto, a saber a PA 409, construída para viabilizar o transporte de recursos minerários, dentre outros, ao porto de Vila do Conde no vizinho município de Barcarena, provocou o isolamento de um povoado inteiro que se havia estabelecido ao longo da PA 403.

É nesse contexto que se situa a pesquisa, que teve a finalidade de descrever a trajetória e as mudanças que se verificam nos meios de vida desses sujeitos, como consequências dos efeitos ocasionados, a partir da chegada de empreendimentos de logística voltados à mineração, os quais tem destruído seus recursos mais importantes que são o rio e os igarapés do entorno.

Antes da construção da PA 403, a única via de acesso que existia na comunidade era o rio Arapiranga, o qual deságua nas imediações da baía do Capim. Este rio possuía papel fundamental na vida dos ribeirinhos, pois era por meio dele que os moradores estabeleciam ligações com outras localidades, e também executavam atividades que lhes proporcionavam fonte de sobrevivência como pesca e transporte para outras localidades e a cidade.

Essa realidade se modificou com o passar do tempo. Com a abertura da estrada e a migração das famílias para a terra firme, foi alterada a cultura marcada pelo fluxo da correnteza e vazante do rio. Agora, um ramal de dezoito quilômetros de extensão, iniciado na PA 151 e finalizando em Vila de Beja, deu a base para uma nova relação com os recursos e com o lugar.

Esta via de acesso denominada Ramal de Beja, criada com a finalidade de facilitar o deslocamento de outras localidades até a praia de Vila de Beja, conforme relatos dos entrevistados mais antigos do local, também facilitou a mobilidade de moradores, que antes da construção da via, dependiam do rio para se locomoverem e agora passaram a ter o ramal como via de circulação para a cidade de Abaetetuba e demais localidades.

Para muitos isto foi um grande avanço, pois encurtou o tempo de ir e vir dos moradores entre as cidades e localidades mais próximas como a cidade de Moju e Igarapé Miri, as localidades rurais como Colônia Velha, Colônia Nova, Murutinga, Km 14. Por outro lado, ocasionou o abandono do rio lhes causando danos irreversíveis. Pode-se presumir que a

população ribeirinha do rio Arapiranga, a qual passou a fixar moradia no entorno da estrada não compreendia as consequências negativas que se apresentariam décadas depois. Na realidade a abertura do ramal buscou atender as necessidades do capital, que logo após a chegada dos novos ocupantes, buscou-se por mudanças de rota “abandonando a via” e criando uma nova estrada, a PA 409, denominada de Estrada de Beja, a qual interliga os municípios de Abaetetuba e Barcarena, como antes mencionado. Por sua vez, esses novos ocupantes constituíram novas famílias e passaram a desenvolver outras práticas, agora voltadas a dinâmica da estrada, sem deixar de praticar a agricultura itinerante de roça, mas deixando para trás as relações que haviam estabelecido com o rio Arapiranga.

A partir da abertura da estrada, as práticas e representações do local que caracterizavam uma identidade ribeirinha, hoje se caracteriza numa ótica socioespacial urbanizada e apropriados sob influências e modificações culturais dessa lógica, também inculcida no imaginário social, como progresso. De acordo com Almeida, (1998, p.34) O progresso assume, antes de tudo, um sentido parcial e prático: um progresso é um “melhoramento”. Nos âmbitos técnico e científico é este sentido que ainda predomina.

Esse suposto “melhoramento” que o progresso traz consigo causam diversas alterações dentro de um determinado espaço onde sempre há ganhadores e perdedores. Com a vivência e entrevistas realizadas, junto aos antigos e atuais moradores, o trabalho aqui apresentado traz as falas desses entrevistados, que revelam como se deu a abertura do ramal e as transformações sociais operadas nessa parte da região do Baixo Tocantins.

A construção da nova estrada de Beja, deixou o povoado que se formou à margem da PA 403, o dito Ramal velho de Beja, isolado e cercado de grandes empreendimentos, dentre os quais, o da empresa Hydro, instalada no município de Barcarena que, por mais que seja em outro município, trouxe graves consequências para localidade em estudo. Somaram-se a este empreendimento nas últimas décadas, a Consergel, fabricante e fornecedora de asfalto, localizada na saída do ramal, a ECC Mineração, que trabalha com extração de areia e tem afetado as nascentes dos igarapés que cortam a comunidade.

Além desses, a terra vem sendo ocupada por fazendas, em cujas extensões planejam-se cultivos em larga escala, que no momento de execução da pesquisa de campo, pôde-se visualizar somente a plantação de capim em grandes extensões. Assim, dada a situação aqui descrita questiona-se: até que ponto esses novos elementos na paisagem rural afeta seus habitantes? Especificamente, como se deu a passagem e organização social da comunidade

Ramal Velho de Beja, em torno da estrada PA 403? O que mudou na comunidade que se organizou à margem dessa rodovia?

Atualmente os comunitários, que compõem cerca de oitocentos a mil famílias, segundo dados do Agente Comunitário de Saúde (ACS), buscam legitimar suas reivindicações e lutas sociais frente ao poder público, por melhorias básicas, como acesso a transporte e comunicação com a cidade, proteção de seus recursos naturais, afetados pelos grandes empreendimentos em seu entorno.

Sendo autor e morador da comunidade em estudo, e por ter acompanhado desde a infância a situação que me propus descrever mais detidamente neste trabalho, busco contribuir com a compreensão da mudança que se opera no meio rural de um município localizado no entorno de grandes empreendimentos capitalistas, os quais tem afetado o modo e meios de vida e a feição campesina nessa região do Baixo Tocantins, especificamente a localidade, referência empírica desse estudo.

Dada a aceleração da destruição dos recursos essenciais como área agricultável, os cursos d'água, como o rio e igarapés, essenciais para a manutenção da atividade agrícola e da vida como um todo, a proposta desse estudo tem o objetivo geral de descrever os processos e impactos das mudanças que se operam na vida cotidiana da comunidade Ramal Velho de Beja, incrustada no entorno desses grandes empreendimentos.

Para dar conta desse objetivo, o trabalho foi dividido nos seguintes tópicos: após essa introdução, será apresentada uma breve revisão da literatura sobre autores que trabalham o conteúdo a ser abordado neste objeto de pesquisa. Seguidamente será explicado os passos metodológicos para se chegar à finalidade da pesquisa. Na sequência será apresentado o resultado alcançado, passando-se às considerações finais.

## 2. COMUNIDADES CAMPONESAS FACE AOS PROCESSOS DE DESTERRITORIALIZAÇÕES

As transformações ocorridas no espaço agrário na Amazônia desde o último século são foco de diversas abordagens que analisam as consequências disso. Saber se foram benéficas ou não, passa pela compreensão mais atenta dos diversos aspectos que compõe a estrutura agrária, em vez de se deter apenas no aspecto econômico que tais mudanças produzem em um determinado espaço. Embora o econômico venha a ser o mais evidenciado, posto que traz em seu bojo o fator modernidade (LATOURET, 1994).

Segundo o sociólogo Bruno Latour (1994, p. 15), o “moderno é duas vezes assimétrico: assinala uma ruptura na passagem regular do tempo; assinala um combate no qual há vencedores e vencidos”. O fator modernidade cada vez mais tem interferido no processo de transformação dos seres humanos, produzindo um sentido de novas condições de vida.

A modernidade possui tantos sentidos quantos forem os pensadores ou jornalistas. Ainda assim, todas as definições apontam, de uma forma ou de outra, para a passagem do tempo. Através do adjetivo moderno, assinalamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo. (LATOUR, 1994, p. 15).

É justamente isto o que o tempo promove, há quem obtenha lucro nesse processo, a partir das transformações implementadas dentro de um determinado setor, mas há também o menos favorecido, isto é, o lesado.

Além disso, a ideia de modernidade é fortemente encarada como ideal na sociedade atual, o que de certa forma desvaloriza a vida social dos povos do campo. Por isso, muitos acreditam que seus saberes e modo de vida precisam ser modificados, e atrelados a vida urbana. Essa discussão, geralmente é carregada do fator desenvolvimento e sobre isso, Amartya Sen (2010) traz importante contribuição, pois para este teórico, o desenvolvimento tem a ver com a liberdade dos indivíduos ou conforme o conceito de "capacidade" de pessoas levarem o tipo de vida que elas valorizam, como sendo um direito e isso diz respeito ao desenvolvimento econômico (2010, p. 32).

Neste contexto é possível inferir que uma parcela dos povos ribeirinhos que residem nessa parte da Amazônia, constantemente tem se afastado da natureza e de suas práticas socioculturais não por opção, se não porque seus recursos essenciais a sua reprodução material e cultural tem sido apropriado e dilapidado, sem que esses sujeitos tenham a oportunidade ou direito de escolher o que fazer.

Ainda sobre o aspecto antes mencionado, Pereira (2016, p.29) esclarece que a ação do Estado tem em muito contribuído para isso na medida em que se torna o principal condutor do avanço dos empreendimentos capitalistas em terras tradicionalmente ocupadas, provocando com considerável rapidez, a destruição não somente do ambiente natural que ocupam, mas com ele desestruturam-se perversamente os modos de vida das unidades sociais preexistentes.

Ao analisar as transformações provocadas pelo capitalismo na Inglaterra na virada do século XVIII para o XIX, o historiador Raymond Williams (1990) passa ao leitor um saudosismo em relação ao passado antes dos cercamentos do campo. Embora remetam a

situações diferentes entre si, o fato é que, à medida que predomina interesses econômicos no contexto de terras tradicionalmente ocupadas no meio rural da Amazônia brasileira, as unidades sociais aí estabelecidas, perdem o vínculo principal com a terra.

Por conseguinte, isto acarreta diversos problemas sociais na medida em que agricultores, extrativistas, meeiros, dentre outros, se tornam dependentes dos recursos externos, principalmente os da cidade. Logo, não são considerados o processo de valorização e conservação dos saberes e práticas culturais do campo. Além disso, a violação vivenciada por esses povos, enfraquecem as suas lutas pela conservação de seus modos de vida ligado diretamente à dinâmica da natureza como ocorreu à comunidade que se estabeleceu à margem da PA 403, que anteriormente estava estruturada às margens do rio Arapiranga.

O termo "comunidade", atualmente, tornou se uma noção aplicada, que domina diferentes discursos e análise, que vão desde clássicos das ciências sociais como foco na situação camponesa (WOORTMANN, 1972; GUSFIELD, 1975), para citar alguns; aqueles com foco na questão da identidade (BAUMAN, 2003) até a apropriação pelos grandes empreendimentos ou agências multilaterais como o Banco Mundial.

Todavia no sentido mais analítico e sociológico -, que foi o foco adotado nesta pesquisa -, o termo remete a análise das mudanças sociais, verificadas, principalmente nas sociedades latino-americanas. Esse aspecto de mudança é visto no estudo Antônio Cândido em sua obra mais conhecida, *Os parceiros do Rio Bonito* (2010), onde descreve as mudanças do modo de vida da sociedade "caipira" paulista, face a expansão econômica capitalista e o grande impacto que a mudança provocou levando a um novo "ajuste ecológico", quanto aos meios de subsistência e uso da terra. Embora o autor tenha optado pelo conceito de "bairro" No caso em estudo, o "ajuste" se deu em ada

Gusfield (1975) caracteriza uma comunidade, não pelo espaço geográfico, a extensão territorial em si, mas pelas relações sociais que se estabelecem no contexto comunitário. Para Gusfield (1975) importa mais a questão relacional por meio da história social do grupo estudado. Esse sentido pode ser apropriado à situação dos moradores do rio Arapiranga, ao se organizarem em torno de um trecho da PA 403 e se auto atribuírem o termo comunidade. Sua trajetória desde a margem do rio e posteriormente sua organização à margem da estrada é o que será demonstrado neste trabalho.

### 3. METODOLOGIA DO TRABALHO E COLETA DE DADOS

A pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva e assim traz outra possibilidade ao exercício da investigação. Segundo Santos e Santos (2010), esse tipo de abordagem é “como uma trajetória circular em torno do que se deseja compreender, não se preocupando unicamente com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o observador-investigador” (2010, p. 42).

Inicialmente a meta seria entrevistar pelos menos dez pessoas adultas ou chefes de famílias, mas devido as restrições sanitárias provocadas pela pandemia da COVID 19 no início do ano de 2020, tornou-se inviável. É necessário dizer que tal situação afetou fortemente as pesquisas de campo na comunidade rural e também urbana, causando graves impasses na busca por informação, não somente no que diz respeito a pesquisa, mas sobre as limitações econômicas e o temor de ser infectado pelo vírus até então desconhecido.

Todavia, apesar das barreiras enfrentadas, foi possível realizar a coleta de dados entre o final de 2020 e início de 2021. A coleta de dados se deu a partir de entrevistas semiestruturada com questionários abertos para que o entrevistado ou entrevistada pudesse sentir-se à vontade para responder as perguntas e assim, o pesquisador pudesse obter um bom aproveitamento.

Para Minayo (2001, p. 58) torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturas que pressupõem perguntas previamente formuladas.

Foram entrevistadas dez pessoas, moradoras da comunidade Ramal Velho de Beja, sendo dois idosos, dois agricultores, um jovem, uma professora de educação infantil, duas feirantes e uma agente comunitária de saúde. Na comunidade Abelheira, situada à margem do rio Arapiranga foi entrevistada a única moradora residente na localidade.

Para a produção do mapa foi utilizado o aplicativo para o sistema android, o Timestamp Câmera & GPS, para documentar as fotos e a localização das mesmas em tempo real.

#### 4. DO POVOADO DA BEIRA DO RIO À COMUNIDADE DA ESTRADA

##### 4.1 O povoado do rio Arapiranga

O rio Arapiranga mesmo pequeno em largura possui uma grande extensão. Ele perpassa várias localidades. Há quem diga que de um lado ele deságua no rio Moju e de outro lado, no rio Guajará. Este rio foi o início da vivência que permanece na memória de muitos moradores, que hoje tem suas habitações à margem do ramal que corresponde a antiga estrada de Beja,

também conhecida como PA 403. Segundo os entrevistados, havia apenas duas famílias residentes no rio, e a partir destas ocorreu o povoamento, que constituiu os vilarejos ou as comunidades como denominam os entrevistados. Dessas memórias, surge a descrição do rio.

O rio era mais bonito né, tinha como andar de canoa, mas agora só é pau no meio do rio, fechou praticamente. Antes o rio era pra andar de casco, pra pescar, a gente ia pra casa dos nossos parentes do Guajará mas não era naquelas canoas grandes era naquelas zinha mesmo, era tudo pelo rio mesmo e os caminhos (L.S.C. Entrevista realizada no dia 16 de abril de 2020).

Naquele período, em que o rio comandava o curso da vida, o principal meio de produção era o extrativismo da madeira e o cultivo da mandioca. O rio era utilizado pela comunidade como principal meio para escoação dessa produção, para levar os doentes até a cidade, para abastecimento de água potável, assim como era fonte de alimentação, através do pescado, e nas suas margens eram construídas as moradias.

O rio antigamente era que nem estrada de carro hoje, de transporte terrestre, porque não tinha estrada né. E o movimento era tudo pelo rio, por isso o rio era muito cuidado pelos moradores. Se caía um pau de madrugada ou a boca da noite, de manhã não tava mais, limpavam tudinho (L.P.A. entrevista realizada no dia 11 de março de 2020).

Quanto às moradias, as casas às margens do rio, eram construídas de madeiras e geralmente a cobertura era feita de palha de buçu e cavaco. De acordo com os relatos existiam duas comunidades que se formaram ao longo do rio Arapiranga, que deu nome a uma delas, e a Abelheira, mas com a construção da estrada a comunidade mudou-se para seus arredores e passou a chamar Ramal Velho de Beja.

A outra comunidade mencionada no rio Arapiranga, a Abelheira, era maior de todas, segundo os relatos dos entrevistados. Nela havia comércios, as chamadas “tabernas”, onde as pessoas encostavam suas canoas e cascos para comprar o alimento, como peixe salgado e carne de caça, como a capivara e outros tipos de caça como tatu, viado, paca e outros animais silvestres. Nas tabernas vendiam o “peixe do Marajó”, mapará, açúcar, café, querosene e a cachaça, também chamada “agua ardente”.

Não se tinha tantas variedades de coisas “frescas” como por exemplo, a carne bovina, o frango de granja e demais espécies de peixes que só tem na baía ou em rios de águas profundas, enquanto o arroz, feijão e outros alimentos todos tinham como plantação em suas roças e eram de grande abundância.

Naquela época rio comandava o curso da vida, pois as condições de existência estavam atreladas a ele. Os mais antigos alegam que outros tipos de alimentos provinham do que produziam em seus cultivos: o feijão, arroz, abobora, acará, batata doce, dentre outros. Esses alimentos eram plantados na roça, junto com da mandioca, ou seja, logo que a maniva era plantada na cova, os agricultores não perdiam oportunidade: introduziam logo em seguida outros cultivos que vinham constituir sua base alimentar. Essa prática era muito comum entre os moradores da localidade.

Havia também a criação de pequenos animais em diversas espécies: galinha, porco, pato e os animais silvestres, também tinha a verdura e legumes, caruru, quiabo, maxixe e outros que faziam parte da alimentação das pessoas naquele período. Essa prática não foi literalmente instinto, mas não se ver como antigamente, poucas famílias ainda praticam, porém não da mesma forma e nem os mesmos produtos dos antepassados.

Durante a festa de São Miguel Arcanjo, que se realizava na vila de Beja, faziam-se apresentações de danças do Bumba meu Boi, dança do pássaro. A festa ocorria uma vez por ano, todo o dia 29 de setembro, com duração de uma noite. Muitos moradores eram devotos do padroeiro Arcanjo São Miguel. Mas, um mês antes da festa, havia uma preparação de arrecadação de fundos para sua realização.

Tal manifestação religiosa movimentava a comunidade, uma vez que todas as famílias participavam da festividade, e também naquele período não havia outro seguimento religioso, todos eram devotos do Padroeiro. O surgimento de outras denominações religiosas se deu a partir da construção da rodovia, com a chegada das igrejas evangélicas.

A comunidade Abelheira recebeu esta nomenclatura de seus mais antigos moradores, pois existia na comunidade um senhor que criava abelhas. Esta localidade por situar-se no baixo curso do rio fica bem distante das moradias que se formaram com a abertura da estrada, a PA 403. O acesso até lá é difícil, principalmente em época de inverno quando a estrada fica tomada por lama, praticamente intrafegável. Assim, para chegar até o local, só é possível a pé ou de bicicleta, já que o rio que antes era o “caminho”, hoje, não é possível utilizar o “barquinho” segundo um morador.

Segundo o entrevistado, antes o rio era tão largo, em sua parte próxima a foz, que dava para passar com a jangada:

O rio que passava aqui, era acima de lá da Abelheira e de lá abaixava a madeira na jangada pelo rio até sair pela boca do Arapiranga. O rio era bonito, mas era difícil no

verão porque secava bastante em algumas partes e tinha que puxar quando engatava. (R.S.P. entrevistada em 27 de março de 2020).

Atualmente, na localidade que já foi um ponto comercial, hoje reside apenas uma família, mãe e filho, que resistem a pressão para vender sua terra. A entrevistada, se identifica como agricultora e descreve toda a sua trajetória de vida e resiste ao assédio de venda de sua terra, que é herança familiar. Seus irmãos foram persuadidos a vender seus terrenos e hoje vivem na cidade. O trabalho que a agricultora realiza é o cultivo da mandioca e a produção a farinha, tapioca e tucupi. Em tempos de inverno as fruteiras contribuem para o seu sustento: a castanha, o cupuaçu, bacuri e outras. Sobre o rio Arapiranga, ela assim descreve sua transformação:

Moro aqui desde quando eu nasci. Antigamente as pessoas viviam mais de peixe do igarapé, era, porque era difícil ir pra Abaeté ai se alimentavam mais dos peixes do igarapé das caças, eu lembro que esse Rio aí era bem mais bonito, tinha como andar de canoa. Mas agora só é pau no meio do rio, “fechou”. Antes a gente saía pra visitar nossos parentes de casquinho a gente passava lá pela ponte ( M.R.M.P, 55 Anos entrevista realizada em 26 de Março de 2021)

Mas ao contrário do que já foi antes, atualmente o rio está tomado por lixo, árvores caídas dentro de seu leito, os quais contribuíram para seu abandono e quase desaparecimento. As imagens abaixo refletem essa realidade.

Figura 1 Trecho do rio Arapiranga atualmente.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Adentrando suas margens, já em terra firme, as mudanças são maiores. O antigo caminho que dava acesso ao ramal de Beja, na terra firme, foi substituído por outro maior, mas está sob vigilância dos funcionários das fazendas que aí se estabeleceram no local tornando o caminho, uma passagem privada aos novos ocupantes. Assim, em vez de mata nativa, avistam-se, agora, extensões de terra com gado pastando e outra mais recente, com extenso cultivo de capim.

Esses novos elementos na paisagem cobrem vasta porção de terras levando ao desaparecimento do que antes foi a Abelheira e encobrindo quase por completo o antigo caminho que dava acesso a ela. Não mais se vê a circulação de pessoas pelo mesmo, pois a circulação se dá pelo ramal que foi aberto por esses novos ocupantes da terra. O antigo morador, agora se tornou “estranho” e não podem passar, sem receber autorização, tal como ocorreu ao autor deste trabalho, durante a pesquisa de campo.

Figura 2: Antigo caminho de acesso a localidade Abelheira e o novo ramal das fazendas



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

É assim que, o rio que antes comandava a vida, segundo uma entrevistada, “hoje serve só pra tomar banho, mas antigamente servia até para beber, mas agora não, muitos hoje, tem poço pra pegar água” (L.S.C. Entrevista realizada no dia 16 de Abril de 2020).

O que se pode inferir, com base nos relatos, é que um dos motivos da desterritorialização, se deve a chegada de empreendimento na localidade de Vila do Conde e as construções das rodovias, que facilitaram a vinda de novos proprietários, como os atuais fazendeiros. Com isso, forçou-se o abandono das terras pelas unidades domésticas, que deixou de lado a cultura ribeirinha, pela vida à beira da estrada, mas o rio sofreu maior impacto.

#### 4.2 A formação da comunidade no Ramal Velho de Beja, PA-403

De acordo com os moradores no início da construção da rodovia, residiam duas famílias no local. Porém, sua abertura, possibilitou aos moradores da Vila de Beja, acesso a cidade de Abaetetuba e outras localidades, por terra firme. Isto ocorreu no mandato do governador “Barata” e a partir de então houve uma modificação no fluxo de deslocamento das pessoas para o ramal, que antes, era realizada pelo rio (L.P. A, 69 anos, entrevista realizada em março de 2020).

No início da abertura do Ramal, o transporte era realizado através de um veículo caseiro chamado “Pau de Arara”, depois surgiram linhas de ônibus e mais tarde veículos próprios como bicicletas, motos e carros. Com a construção da rodovia ocorreu o deslocamento das pessoas que viviam as margens do rio Arapiranga e nos vilarejos distantes. Na fala de alguns moradores essa mudança era necessária pois diminuía o tempo de locomoção, ao contrário do tempo que se gastava pela canoa no rio. Além do que, ao chegar na foz do rio, ainda teria que enfrentar os rigores dos ventos na baía ou aguardar a calmaria para dar a volta na costa e chegar à cidade de Abaetetuba. Logo, percebe-se que para eles a estrada “encurtou o tempo” e passou a ser vista como facilitadora para a realização de suas atividades cotidianas. Segundo o entrevistado:

Naquela época todo mundo morava na beira do rio, mas todo mundo abandonou quando abriram a estrada, mas lá no fim do rio, quase no fim mesmo, ainda tem umas pessoas que usam o casco e canoa, mas eu acho que é só pra ir na casa de alguém mesmo e bem perto, até porque a maré de hoje não é a mesma de antes né... tá perigoso (R.S.P, 87 anos entrevista realizada no dia 27 de Março de 2020).

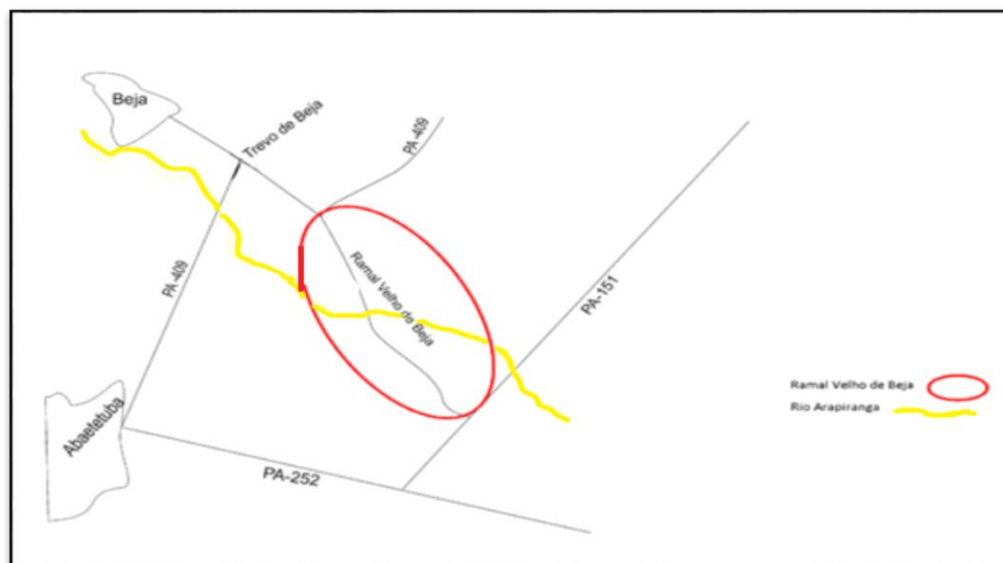
De certo modo, a abertura da estrada facilitou o escoamento da produção e o deslocamento das pessoas de forma mais rápida para a cidade. No entanto, paralelamente com o “progresso” se disseminou a criminalidade, a facilidade do fluxo de drogas, a presença de assaltantes ambulantes de outros lugares e etc.

Como mudanças significativas para comunidade, destaca-se a forma de vida que as pessoas estavam habituadas a viver na beira do rio, e a outra, que passaram a exercer a partir das novas condições de vida. É importante dizer que o interesse pela abertura da rodovia nessa localidade estava também atrelado ao capital que viabilizava com mais rapidez e facilidade o fluxo da produção e de pessoas ao principal ponto turístico do município: a praia de Beja.

Alguns anos após a abertura da PA/403 ocorreu a abertura de uma nova via, a saber a PA/409, que interliga a cidade de Abaetetuba, a Vila de Beja e o município de Barcarena, dando acesso também, a outras localidades dos municípios. A nova via encurtou o trajeto dos caminhões até o porto de Vila do Conde em Barcarena, o trajeto para escoamento da produção dos agricultores e assim toda a movimentação passou a ser somente pela nova rodovia. No entanto, a nova rota, praticamente isolou um trecho de aproximadamente 12 quilômetros, que corresponde a área da comunidade Ramal Velho de Beja na PA/403, cujos moradores ficaram no abandono total, num verdadeiro descaso público.

O croqui abaixo é uma demonstração da localização do Ramal Velho de Beja em relação ao Rio Arapiranga.

Figura 3: Croqui de visualização do Ramal Velho de Beja e o rio Arapiranga



Fonte: Almir Marques e Gedeão Aires 2019.

#### 4.3. A aproximação ao polo industrial

Como dito anteriormente, o caminhão chamado pau de “arara” foi o primeiro meio de transporte a levar passageiros até cidade. As viagens eram limitadas a poucos dias da semana. Saía-se de madrugada. Foi somente muitos anos depois que um ônibus começou a fazer linha e as viagens passaram a ser todos os dias na semana. Atualmente são 4 linhas de ônibus que

transportam os moradores pela manhã e pela tarde. Também muitos moradores já possuem motocicletas e outros já tem automóveis.

Há muitos anos que na localidade do ramal velho de Beja deixou-se para trás a antiga forma de vida que era voltada a um sistema propriamente agrícola, ou seja, aqui produziam seu próprio alimento e exerciam a troca dos mesmo entre si, numa relação de reciprocidade, que era muito forte desde aquela vida organizada à margem do rio. Hoje é a luta para conseguir uma ocupação no polo industrial em Vila do Conde, o maior empenho. No entanto é necessário destacar a ausência de assistência técnica por parte da prefeitura em relação a pequena agricultura, uma das marcas da vida camponesa. É muito comum ouvir reclamações de que a agricultura no município de Abaetetuba, precisa ser visibilizada.

Não foi possível mensurar, mas é possível concluir que hoje, a maior parte dos moradores da comunidade, exercem ocupação nas empresas terceirizadas no polo industrial, principalmente na Hydro/Alunorte em Barcarena. Como já foi mencionado anteriormente, os grandes empreendimentos estão por todos os lados, ou seja, a localidade está cercada, praticamente sem perspectiva para trabalho que remeta os trabalhadores à terra, propriamente dito.

O Ramal Velho de Beja, PA 403 se transforma dia após dia e a identidade rural tal como se conhecia, também se transforma e dá lugar a um modo de vida mais urbanizado, como na concepção de Cândido (19...) em *Os Parceiros do Rio Bonito*.

## 5. OS IMPACTOS GERADOS POR EMPREENDIMENTOS NO ENTORNO DA PA 403.

Sem nenhum amparo do poder público, a comunidade em termo populacional vem aumentando bastante e com a mentalidade de um povo urbano, ou seja, é uma comunidade camponesa, em que a grande maioria da população não se identifica como tal. Ocorre o inverso daquilo que se instaurou no imaginário social: agora, o campo depende da cidade, pois não há mais a produção do próprio alimento, assim como também a alteração do trabalho, que afeta a as unidades domésticas na agricultura de pequena escala no pescado, além do extrativismo de madeira que há muito se extinguiu.

Hoje, a economia provém basicamente do trabalho de empresas terceirizadas na Hydro/Alunorte, pequenos comércios, funcionários públicos e poucas famílias estão ligadas a atividade agrícola. No entanto, ao longo de toda sua existência, a população que compõe a

comunidade vem enfrentando diversos desafios, que se intensificaram diante dessas mudanças ocorridas no uso da terra.

Os efeitos da pandemia provocada pelo novo Corona vírus foi um problema a mais, que afetou os comunitários. Nessa comunidade rural, se antes não tinha o acesso ao direito, a dignidade da moradia e acesso a transporte, com a pandemia ficaram literalmente desassistidos de qualquer intervenção do governo municipal e estadual.

A venda de terras é uma das grandes causas do desaparecimento da agricultura familiar na comunidade, as pequenas propriedades que ainda há estão sendo ameaçadas pelas empresas que estão cada vez mais próximas, além dos fazendeiros de gados e monoculturas de açaí. Como relata um entrevistado que também é agricultor.

Eu sou filho de alguém que já vendeu um pedaço de terra e mais tarde por exemplo, os meus filhos já vão sofrer as consequências porque não vão ter onde fazer um plantio, porque tão vendendo terra pra fazendeiro que vem de outra localidade, de outro Estado, aí tão vendendo pelo um preço muito barato! Já pensou? Sai a um real o metro da terra?! É uma coisa que não poderia acontecer, eu não sou de acordo. (P.D.S, 52 anos entrevista realizada em 4 de outubro de 2021).

A venda de terra, hoje é muito frequente na localidade, mas não é algo tão novo. Nos últimos cinco anos, aproximadamente, essa prática tem sido recorrente na comunidade, como aborda o entrevistado. A terra está sendo vendida por um preço tão barato, chegando a ponto de dizer que a terra está sendo doada para os fazendeiros. Um real (R\$ 1,00) é quanto vale o metro da terra que poderia ser cultivada e dar o sustento para muitas famílias, que há um longo tempo sobrevivem do uso da mesma.

O levantamento feito durante a pesquisa de campo, demonstra que cerca de 15 famílias venderam seus lotes. Os lotes não têm apenas um proprietário, pois geralmente são herança deixados para os filhos e netos. Dessa forma a terra é vendida e o valor é repartido entre a família, sendo que em uma família de muitos membros, o valor em dinheiro é muito pouco, não compensa a venda, disseram entrevistados que não mais dispõem de seu lote.

Aos que se recusam a vender suas propriedades são pressionados e ameaçados pelos recém-chegados. Houve um relato nos últimos dias da pesquisa de campo, que uma senhora de aproximadamente setenta anos de idade, sofreu ameaça por se recusar a vender seu lote a uma pessoa que se apresentou como empresário e com documentos para a mesma assinar.

Dentre os lotes que foram vendidos, havia um minério de areia que pertencia a uma família bastante numerosa e extraíam areia para suas construções, além de atender a localidade

Ramal Velho de Beja. Mas a atividade não era mecanizada. Utilizava-se apenas enxadas, enchadeco, pá e a carroça a cavalo, para escoar a terra. Conquanto a área tivesse grande extensão, essas famílias também cultivavam ali, o que era mais presente na cultura alimentar local: a mandioca, o milho e arroz.

Após a pressão de um empresário ocorreu a venda do terreno e com isso se deu a comercialização e a extração do minério por meio de maquinário. As consequências logo começaram a surgir, o que trouxe dano ambiental a todo o Ramal velho de Beja, afetando principalmente um igarapé que perpassa a localidade. Atualmente, a empresa ECC Mineração (Figura 4) realiza a extração do areial, em cuja área encontra-se a nascente do igarapé Maubinha

Figura 4: Placa de empresa sobre a atividade extração do areial próximo ao igarapé Maubinha.



Fonte: Gedeão Aires, dezembro de 2021.

A ação descrita tem gerado impactos aos moradores e às proximidades, pois com a remoção da terra ocorreu o assoreamento, a mudança na tonalidade da água e outros efeitos, pois o trabalho passou a ser totalmente mecanizado. A empresa presta serviço para outras empresas que trabalham em construção civil em Barcarena e os moradores que não foram afetados por essa ação direta no igarapé, sofrem com a poeira intensa, além disso, os buracos

aumentaram no ramal devido o transito das caçambas cheias de areia, o que tem elevado o risco de acidentes. As imagens abaixo ilustram um pouco esta realidade no igarapé M.

Figura 5: Situação do igarapé Maubinha, após a extração de areia.



Fonte: Elson Baia. Fotografia feita no final de setembro de 2021.

Nas imagens notam-se máquinas operando no local do trabalho, escavando e preparando a areia para ser exportada. Também se identifica uma tonalidade diferente na cor da água do igarapé, sendo que a nascente do igarapé é justamente na área do areial e este deságua no igarapé chamado Maúba, que é braço do rio Arapiranga.

Observa-se nas imagens (Figura 4), os danos causados a partir do empreendimento, neste caso a empresa ECC Mineração que se instalam dentro de um determinado setor, mas que abalam o meio social como um todo, desde o ambiental até mesmo economicamente, pois há quem obtenha sua fonte de renda com o lazer que os igarapés no fundo dos quintais oferecem.

Sobre isso um entrevistado ressalta:

Esses empreendimentos, o que eles trazem é prejuízo pra terra, por que? Porque vai haver seca que quanto mais você devastar, derrubar, destruir mais você vai sentir o calor. Porque na verdade quando você tiver numa reunião dessa que tiver o sol quente, você vai de baixo duma árvore e você depois sai debaixo duma árvore e tira o sapato e põe o pé no chão ai você vai vê a diferença quando se tá de baixo duma árvore e com o pé no chão, no sol. ( J. R. F, 62 anos entrevista realizada em 4 de outubro de 2021).

Nas entrevistas, pode-se observar claramente o sentimento de indignação principalmente do agricultor que depende da terra para o seu sustento e de sua família. Essas empresas próximas a comunidade não atendem às necessidades básicas desses moradores, que

sequer são aceitos como mão de obra. Santos (2021), ressalta ainda “Hoje em dia quem estão sofrendo são os filhos, os netos que ficaram sem onde trabalhar”.

Percebe-se então a desvalorização dessas pessoas que tinha um modo de vida voltado às práticas campesinas e que aos poucos foi se transformando em trabalhos mecanizados e excluindo o pequeno agricultor de suas terras deixando para eles apenas mazelas.

### 5.1 As novas estratégias de sobrevivência no Ramal Velho de Beja

Dentre as estratégias que os moradores da comunidade têm empreendido, destaca-se o trabalho de feirante. Mas esse trabalho é realizado na Vila do Cabanos no município de Barcarena quando apenas três comunitários do Ramal velho de Beja começaram a vender farinha de mandioca e a tapioca em frente a um supermercado daquela época, conforme relata o agricultor, J. R. F, 62 anos

A principal fonte de renda hoje na localidade é o emprego nas empresas terceirizadas, mas a segunda são os agricultores que tiveram sorte de pegar uma banca na feira de Barcarena que começaram a trabalhar e esse trabalho começou a ajudar eles, pois a farinha dava mais lá, a farinha dava muito mais lá do que vender aqui porque as pessoas que compram aqui é mais barato ( J.R.F, 62 anos entrevista realizada em 06 de outubro de 2021)

Conforme relatos de comunitários da localidade esta feira tem sido de grande relevância para muitos que buscavam um meio de sobrevivência, encontraram na feira uma fonte de renda para manter seus familiares. Durante o percurso entre a localidade até a feira em vila dos cabanos/Barcarena os feirantes passam por diversas situações desconfortáveis em seu trajeto houve caso até mesmo de acidente grave durante esse percurso, o acidente aconteceu no início de novembro de 2010 por volta das cinco horas da manhã com cinco óbitos e muitos feridos. esse fato ficou para história não apenas da localidade mas em todo o município de Abaetetuba e Barcarena e principalmente para as famílias que perderam seus entes queridos naquela tragédia inesperada.

Duas entrevistadas que se identificaram como feirantes relataram como é ter que enfrentar a estrada lamacenta em tempos de inverno, e no verão, tanta poeira e buracos. Em suas falas elas expressam suas perspectivas para o futuro ao dependerem da atividade agrícola que a cada dia está mais ameaçada pelos grandes empreendimentos próximos a comunidade. O

sustento familiar provém da venda dos produtos vendidos na feira e há grande necessidade por este trabalho.

Durante essa lida entre casa e o trabalho, isto é, até a feira, surgem diversos imprevistos, como por exemplo o transporte não vir, o atolamento do ônibus e os impasses enfrentados já em seu local de trabalho.

Por causa disso já deixei de ir trabalhar porque não tem como passar na estrada porque é só buraco. Um dia eu até falei assim; a gente tem que comprar uma rabetá (risos) pra andar no rio de novo... fazer como era antes, porque ônibus não entra nem nada. (L.S.C entrevista realizada em 16 de Abril de 2020).

Outra feirante relata a respeito dos tempos passado, em que “era melhor de viver”, diz ela, sem tanta violência e o respeito era exercido por todos.

Quando abriram a PA 403 vinha o caminhão/pau de arara. Hoje a gente sofre bebi né, que trabalha e vai vender aí senão virem buscar a gente não tem como a gente ir pra fazer a nossa venda. Tudo isso porque ninguém olha pra nós, pras nossas necessidades, pro povo daqui de dentro, que toda a vez só sabem mentir dizendo que vão asfaltar só mentira.

Segundo a entrevistada, em certos tempos ou momentos e preferível viver como antigamente, sem tantas mazelas que a “modernização” trouxe, pois ao contrário do que se pressupõe, as ofertas da modernidade não os tornou parte dela.

Outros feirantes relatam dificuldades que não ficam somente na ausência de infraestrutura local e saneamento básico. Estas dificuldades têm a ver com o que os entrevistados chamam de “rejeição” desses trabalhadores, por parte do poder público de seu município, pois sendo munícipes de Abaetetuba, realizam suas atividades de trabalho em outro município. A entrevistada relata:

Sempre trabalhei na lavoura, faço farinha, tapioca, tucupi e vendo na feira da Vila dos cabanos em Barcarena, hoje a gente sofre em qualquer momento nesse ramal as vezes o ônibus não quer entrar né por causa do ramal feio aí a gente vai ficar esperando, né. Porque é da onde a gente come e chegando na feira onde a gente trabalha, nós não somos aceito, porque a gente não mora em Barcarena. ( L.S.C, entrevista realizada, 16 de abril de 2020).

A feira da Vila dos Cabanos no município de Barcarena, iniciou-se por volta de 1990, com apenas três feirantes, diz um ex feirante, durante a entrevista. Trabalhavam em frente ao

antigo supermercado chamado *M. Cunha*. Algum tempo depois, a empresa Albras/Alunorte cedeu um galpão para os feirantes laborarem as suas atividades de vendas. O entrevistado relata

Nós fomos trabalhar pra lá e era só um grande galpão da Albrás. Mas eles só deram o lugar pra nós trabalhar, aí a gente teve que fazer as nossas bancas, cada um fez a sua. Começamos a trabalhar indo uma vez na semana, todo o sábado. Depois a gente ia dia de quarta feira também. (L.P.A, 71 anos, entrevista realizada em fevereiro de 2020).

Com base nesses relatos, os responsáveis pela existência da feira da Vila dos Cabanos, são moradores da comunidade Ramal velho de Beja. Muitos dos primeiros feirantes ainda permanecem trabalhando na feira. No entanto, apesar de todo o esforço da parte dos mesmos, os quais buscam melhores produtos para serem comercializados, hoje já não são bem-vindos naquele espaço, não da parte de seus clientes, mas pela gestão municipal atual. Ainda assim, eles insistem nessa prática, pois é de onde vem o sustento familiar.

Os produtos vendidos na feira são: farinha, o tucupi, a tapioca, as frutas da região como, a banana, mamão, cupuaçu, laranja, abacaxi, coco. Também comercializam hortaliças, o cheiro verde, cebolinha, couve, caruru. Esses produtos, em sua maior parte, são produzidos no quintal das casas ou do vizinho, que vendem para os feirantes comercializarem na feira. Enquanto de outros feirantes os produtos são provenientes da Seasa. Por esse motivo muitos dos seus clientes lutam pela sua permanência na feira.

Mas é importante enfatizar aqui que as transformações afetaram fortemente a agricultura familiar, com a chegada dos pequenos e grandes empreendimentos a compra de terras foram muitas, a ponto de extinguir aproximadamente 80% dessa prática.

Os pequenos agricultores venderam suas terras à fazendeiros de gados e aos que praticam os plantios de monoculturas como o dendê, soja, açaí, e até mesmo a mandioca que é plantada em grande escala, sendo a maioria da produção da mandioca vendida para os próprios moradores da localidade sobretudo para os feirantes que necessitam fabricar a farinha e seus derivados para suas vendas.

**Figura 6:** Feirante na produção da farinha de mandioca.



Fonte: Acervo pessoal 2021.

Outro entrevistado é um dos moradores mais antigos da comunidade. Ele relatou sobre o seu passado por onde percorreu no decorrer da sua infância e parte de sua juventude. O Rio Arapiranga segundo ele faz parte da história da comunidade e que precisa ser contada para quem não a conhece, pois, além de ser bonita tem muito significado.

Uma das lideranças nas lutas da comunidade, relatou sobre os impasses enfrentados e sua indignação pela falta de assistência a população. No seu entendimento a comunidade teve um grande avanço quando comparada a vida dos antepassados e um dos motivos foi a construção da PA 403, apesar de tudo que se observa hoje.

Várias mudanças uma que favoreceu muito nós moradores foi a construção da PA, isso não foi bom somente pra nós moradores aqui da localidade como pra quem trabalha aí na Vila dos Cabanos, nessas grandes empresas instaladas aí. Porque depois que abriram, ela facilitou muito, ficou muito melhor pra gente se locomover. Hoje tem moto, carro, bicicleta e as coisas melhorou muito, até hoje, apesar dela estar precária, mas só que ainda dá pra gente se locomover por aí (O.C.C. entrevista realizada no dia 02 Março de 2020)

Um entrevistado afirma que a PA 403 foi um grande avanço para os moradores da localidade, afirma ainda que prefere a vida como estar hoje mesmo com tantas precariedades. Segundo ele as melhorias não dependem somente do poder público, mas também de todos os moradores de uma determinada localidade.

Outra entrevistada foi uma professora da educação infantil que trabalha na escola da comunidade e ao mesmo tempo residente na mesma. Ela relata sobre o modo de vida do passado. Segundo ela as dificuldades eram muitas na localidade.

É importante ressaltar que a construção da rodovia PA 403 não impactou somente o rio arapiranga, outros igarapés foram afetados. Além do arapiranga a estrada atravessou demais igarapés para a realização da PA, impedindo que a água circulasse livremente, os tubos que foram instalados no meio da rodovia para o escoamento da água não foram suficientes, ou seja, a água se tornou “água morta”.

A partir desse impacto as águas sem poder escoar livremente se espalharam por toda a área de igapó destruindo toda a vegetação ali presente aconteceu como se houvesse um grande desmatamento de derrubadas de mata e queimadas. Uma das consequências graves foram as erosões, assim como as nascentes, os “olhos d’água” que tem sido “tapado” pela força das erosões e extração de areia. Por fim os igarapés estão sendo extintos e isso afeta profundamente a vida cotidiana, pois o igarapé tem diferentes usos pelos comunitários. Mesmo que a contaminação já não permita o uso potável, o igarapé ainda é recurso essencial para a prática de fazer farinha, vindo a ser o poço para colocar mandioca de molho.

## 5.2 Os impactos gerados nos igarapés pelo mineroduto da Hydro

A refinaria de alumina de propriedade da Hydro/Alunorte, situada no município de Barcarena, dista aproximadamente 15 km de distância da comunidade em estudo. Porém seus efeitos afetam com intensidade a localidade, por meio do mineroduto, que sai do município de Paragominas até o polo industrial de Barcarena. Esse mineroduto atravessa vários igarapés essenciais às comunidades tradicionais dos diversos municípios, por onde ele passa, dentre estes, o rio Arapiranga e seus afluentes, que banham o entorno do Ramal Velho de Beja.

**Figura 7:** Situação e os impactos gerados por empreendimentos na comunidade



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Desde que foi implantada na região, a empresa Albrás e posteriormente a Hidro/Alunorte vem sendo uma grande vilã para diversos povos e comunidades rurais e urbanas dessa região. Os impactos são identificados claramente por todos e são muitos os efeitos gerados em toda a região em diversos contextos: social, ambiental, econômico, dentre outros.

Nos últimos meses, mais precisamente a partir do mês de agosto de 2021, ocorreu a manutenção do mineroduto em toda a região perpassando diversas localidades do município de Abaetetuba e demais municípios<sup>1</sup>. O mineroduto possui 244 km de extensão e passa por sete municípios do estado: Paragominas, Ipixuna do Pará, Tomé-Açu, Acará, Moju, Abaetetuba e Barcarena. Além disso, o sistema de transporte cruza os rios Capim, Acará Mirim e Moju<sup>2</sup>. Todavia, essas informações, disponíveis no sitio da empresa “apaga” as centenas de igarapés e rios menores como o Arapiranga, que sofre com os efeitos da atividade mineradora.

Figura 8: Extensão do mineroduto que passa nas imediações do Ramal Velho de Beja



Fonte: <https://www.hydro.com>.

Pela localidade do Ramal Velho de Beja, o mineroduto percorre aproximadamente 10 km de extensão, atingindo muitos igarapés e rios, dentre eles o rio Arapiranga que já vem

<sup>1</sup> Em Paragominas, a bauxita retirada passa pela etapa de beneficiamento, que consiste em britagem, moagem e classificação. O minério beneficiado é misturado com água, formando uma pouca que é bombeada através de um mineroduto até a refinaria Hidro/Alunorte, na cidade de Barcarena, onde é feito o refino da bauxita, transformando-a em alumina, a matéria-prima do alumínio.

<sup>2</sup> Informações disponíveis em: <https://www.hydro.com>. Acesso em 30 de setembro, 2020.

sofrendo outros impactos. A tubulação passa por dentro deste rio, na altura onde se localiza a comunidade Ramal Velho de Beja, onde ocorre o trabalho de escavação do maquinário para ser feita a manutenção. Nesse processo ocorre uma grande devastação ambiental, pois além do rio Arapiranga, há também igarapés, afetados pela escavação para remover os tubos por onde é escoada a bauxita e isso mexe com toda a estrutura no leito desses cursos d'água. Dessa forma contamina a água, que por sua vez atinge profundamente a comunidade que se beneficia dessa água.

Quadro 1: Igarapés da bacia do Arapiranga afetados por empreendimentos no trecho que corta a comunidade.

<b>Igarapés no trecho do Ramal Velho de Beja</b>	<b>Situação</b>
Igarapé Maúba	afluente do rio Arapiranga – impactado pelo mineroduto.
Igarapé Pau Amarelo	afluente do rio Arapiranga – foi soterrado pela construção da PA 403.
Igarapé Maubinha	afluente do igarapé Maúba (afluente do Ara – sua nascente fica na área do areial, extraído pela ECC Mineração, o qual sofre impacto dessa ação.
Igarapé Maratauí	afluente do Arapiranga – sofreu ação de intenso desmatamento até sua nascente, encontra-se bastante assoreado, sem vazão hídrica.

Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Por esse motivo, nem todos os moradores atualmente utilizam da água do rio, mas ainda há aqueles que usam o método tradicional para a lavagem de roupas, banho, bem como colocar a mandioca de molho para fazer a farinha. Ainda assim, há moradores que utilizam o rio para prática de pesca e outras práticas que ainda são exercidas pelos moradores.

As imagens abaixo revelam a situação enfrentada pelos moradores quando é feita a chamada manutenção do mineroduto. Tal atividade é feita pela Bueno Engenharia e Construção LTDA, que terceiriza as atividades da empresa mineradora Norsk Hydro/Alunorte.

Figura 9: Imagens rio Arapiranga ante e depois da manutenção do mineroduto, em outubro de 2021



Fonte: Gedeão Aires.

A imagem mostra o rio Arapiranga em sua coloração natural (A) e após a manutenção do mineroduto (B), quando apresentou coloração barrenta esbranquiçada.

Essa situação de dilapidação dos recursos das comunidades rurais no entorno desse empreendimento é recorrente e a população residente tem compreensão disso. Na entrevista, um morador ressalta:

As pessoas que tem dinheiro visam só o lucro e as empresas elas vão chegando e elas não vão tipo assim, dando um aparato pras pessoas que precisam, que necessitam naquela localidades só querem, visar o lucro, por isso a gente sofre no rio. Eu como morador, eu vejo que a gente já tem grande perda aqui no rio, aquela movimentação de peixe que a gente via já não vê mais, as caças que as pessoas pegavam já não pegam mais. As vezes a gente diz assim, ‘ah, é porque vão matando tudo, as vezes elas vão se afugentando né?!’ As plantações que a gente tinha que davam muita fruta, hoje já não dão muito fruta como por exemplo a pupunha, o cupuaçu que dá tão pouco então isso a gente vê que vem prejudicando uma certa forma, sim. ( E.B.O. 33 Anos, Entrevista realizada em 06 de outubro de 2021).

O entrevistado ressalta ainda que essas empresas tomam grandes espaços das pessoas trabalharem dentro do seu território. A fala deixa explícita o entendimento dos moradores da comunidade sobre o assunto e é cada vez mais comum presenciar esse tipo de insatisfação nos relatos das pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi fazer uma análise descritiva da situação de uma comunidade rural em sua passagem de um modo de vida mais voltado a dinâmica da realidade ribeirinha, dada sua relação com o rio, o rio Arapiranga, a qual passou a constituir uma nova espacialidade ao longo da estrada, denominada Ramal Velho de Beja. Nesse sentido, buscou descrever essa trajetória e os impactos das mudanças na vida cotidiana da comunidade, a qual, atualmente, encontra-se incrustada no entorno de grandes empreendimentos de logística e mineração e de fazendas de gado e de cultivo de capim.

Esses novos elementos produzem não apenas a mudança na paisagem rural do município de Abaetetuba, como também afeta o modo de vida de seus habitantes. Especificamente, a mudança tem efeito devastador no que diz respeito a terras tradicionalmente ocupadas, pois a cada momento ocorre o deslocamento dessas terras, que passam para o lado de grandes empreendimentos seja os da mineração ou os de empreendimentos agropecuários.

A devastação se verifica tanto no fator ambiental com a seca e desmatamento do rio Arapiranga e seus igarapé, com derramamento de resíduos no leito desses igarapés, por conta da mineração, quanto o fator humano, pois afetam a vida como um todo da comunidade rural.

Como estudante de um curso constituído no contexto da luta por garantia do direito dos povos trabalhadores do campo à educação e a terra, foi no decorrer deste trabalho, que pude perceber a situação de minha comunidade e os problemas que nos afetam. Muito desses problemas tem a ver com a ausência do direito à terra, a educação e uma vida digna como sujeito do campo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jalcione. Da ideologia do progresso à idéia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, Jalcione; NAVARRO, Zander (Orgs). **Reconstruindo a agricultura**: idéias e ideais na perspectiva de um desenvolvimento rural sustentável. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998, pp. 33-55.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003. 141p.
- CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

- GUSFIELD, Joseph. **Community. A critical response**. Harper & Row. 1975.
- LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: Ensaio de antropologia simétrica**. 1991.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social. Teoria. Método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: vozes 2001.
- SANTOS, Maria de Fátima Ribeiro dos; SANTOS, Saulo Ribeiro dos. **Metodologia da pesquisa em educação**. São Luís: UemaNet, 2010. 67 p.
- SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 463, 2010.
- HYDRO, operações. Disponível em: <https://www.hydro.com>.
- WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. Companhia das Letras. São Paulo, 1990.
- WOORTMANN, Klaas. A Antropologia brasileira e os estudos da comunidade. Publicado em **Universitas. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia**, n. 11 (1972), pp 101-140. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/universitas/issue/view/144>. Acesso: 21 de dezembro 2021.